

O Pólo

20 JAN 1994

20 JAN 1994

CORREIO BRAZILIENSE

do Som

Projeto prevê a criação de uma indústria fonográfica e facilidades para os músicos

Músicos do Distrito Federal: atenção! Corre pelos gabinetes da Secretaria de Cultura um projeto que prevê a implantação de um pólo fonográfico no DF. "Não é nada muito ambicioso", avisa o secretário Fernando Lemos. O objetivo é lançar o embrião de uma indústria que, se der certo, poderá mostrar às gravadoras do País o que é que as bandas de Brasília têm.

"Constatamos que as grandes deficiências enfrentadas pelos músicos daqui são a falta de locais apropriados para ensaios e de condições para a gravação de fitas demo", avalia o secretário. Segundo ele, o primeiro passo em direção ao pólo fonográfico já está sendo dado: a pedido da Secretaria de Cultura, as administrações regionais estudam a destinação de locais alternativos que, equipados pela própria SEC, poderão ser utilizados para ensaios de bandas e outros grupos de música, teatro e dança.

O segundo passo será a formação de um pool de estúdios para a gravação de fitas demo. "Já nos reunimos com alguns músicos e donos de estúdios e lançamos essa idéia", diz Lemos. Segundo levantamento da Secretaria, existem atualmente em Brasília cinco estúdios em condições de realizar gravações de qualidade e outros 37 apropriados para ensaios e gravações modestas. A idéia da Secretaria é reunir todos eles

num pool e permitir aos grupos gravar suas fitas a preços subsidiados pelo governo.

"Daí poderemos evoluir para a criação de uma indústria fonográfica regional, como a da Bahia. Uma indústria intermediária, de apoio", diz o secretário. Fernando Lemos acredita que seja possível, até o final de sua gestão, deixar o caminho aberto à implantação de um "pólo fonográfico modesto".

Para o músico Fernando Corbal, integrante do Grupo Naípe e proprietário do Ponte Stúdio em sociedade com Rênio Quintas, "a idéia é ótima mas não resolve o problema". Corbal acredita que "o importante agora não é gravar discos, mas criar mercado para vendê-los". Por isso defende a ampliação dos espaços para apresentações dos grupos locais, "praticamente restritos aos bares".

"O músico que não tem onde tocar, não tem mídia e não vende seu disco. Precisamos de mais espaço para nos apresentar e formar nosso público, antes de pensar em gravar", argumenta, lembrando que os cerca de mil CDs do Grupo Naípe foram vendidos "de mão em mão". Corbal salienta a necessidade de organizar o esquema de distribuição e divulgação dos produtos do pólo fonográfico, mas ainda não sabe se o Ponte Stúdio integrará o pool a que se refere o secretário Fernando Lemos: "Tenho medo de que, quando o trabalho começar, o subsídio governamental seja insuficiente e o custo mais pesado das gravações caia sobre os músicos e os estúdios".